

ENSINO DE MÚSICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: caminhos de inclusão

Alfredo Moises da Cruz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
moisespiano033@gmail.com

Evandra de Medeiros Zanetti

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
evandrazanetti@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda o processo de ensino/aprendizagem musical de a pessoa com deficiência visual no contexto da escola especializado. Foi tomado como referência para este trabalho o Projeto ‘Esperança Viva’, desenvolvido na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Serão descritas as metodologias utilizadas, trechos de aulas, recursos pedagógicos e as sequências didáticas. Destaca-se, no processo de ensino/aprendizagem, a importância da participação dos professores/monitores e dos coordenadores, para a definição de metodologias adequadas aos objetivos específicos do Projeto em pauta.

14

Palavras-chave: Deficiência Visual. Música e Inclusão. Educação Especial.

1 INTRODUÇÃO

O presente documento tem por finalidade discorrer sobre a prática de ensino de música de alunos com deficiência visual, no contexto da escola especializada. Serão apresentadas as práticas educacionais realizadas em sala de aula, as peculiaridades desses estudantes, os recursos utilizados para a aprendizagem, as características próprias dos seus comportamentos frente aos estudos, além de diversos outros recursos utilizados. Levando sempre em consideração que “[...] a pessoa com deficiência possui um modo particular de aprender, o que exige do professor uma estratégia de ensino de maior especificidade”. (LOURO, 2012, p. 69)

A importância da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em ambientes de formação acadêmica e em projetos e ações que tornam cada vez mais sólidas a presença desse público em diversos setores da sociedade é reconhecer que essas pessoas têm direitos. E “... manter tal direito é perfeitamente possível e representa um dos grandes desafios nesse princípio de milênio”. (ALONSO, 2012, p. 259).

15

Neste processo de inclusão das pessoas com deficiência visual temos, por exemplo, um de nossos alunos do Projeto ‘Esperança Viva’ no Curso de Licenciatura em Música, pela UFRN. Tendo sido, ainda, aprovado, recentemente, no Curso Técnico de Violão Erudito. Podemos citar, ainda um outro aluno em vias de concluir o curso de Gestão Hospitalar, também pela UFRN. Alguns de nossos alunos demonstram interesse pelo curso de Licenciatura em Música, o que nos leva a prepará-los para o ingresso nessa formação.

2 O PROJETO

As aulas são ministradas para alunos com deficiência visual, matriculados no ‘Projeto Esperança Viva’. Este Projeto além de oferecer o ensino de música para pessoas com deficiência visual (cegueira total e baixa-visão), conta também com subprojetos, atendendo também pessoas com Síndrome de Down, Autismo e Microcefalia. Segundo Souza (2015),

Desde 2011.2 funciona na Escola de Música da UFRN um curso de extensão de flauta doce para pessoas com deficiência visual. Tal projeto vem se consolidando e dando margem à criação de outros projetos de inclusão social semelhantes como é o caso de musicalização de crianças surdas, o curso de musicalização de crianças autistas, o curso de musicografia braile e o curso de capacitação docente em música e Libras com o projeto “Cantando com Libras.

A proposta do Projeto é oferecer oportunidade, abrir portas para que as pessoas com necessidades especiais possam ter acesso ao ensino da música, serem musicalizadas por meio da prática do canto coral e do aprendizado de instrumentos musicais, tais como: violão, flauta doce, piano, etc. que são oferecidos a partir da disponível e formação dos profissionais de cada subárea.

As aulas ocorrem uma vez por semana na EMUFRN, com duração de quatro horas, aulas essas, que são divididas entre as disciplinas de Musicografia Braille, Flauta Doce, Canto Coral e Apreciação Musical. Além do mais, oferece reforço caso necessitem, na disciplina de flauta doce entre outras. Os alunos são divididos em turmas por níveis de conhecimento, da seguinte forma:

Turma I – Destinado a alunos iniciantes no estudo da música e/ou aqueles que necessitam de alguma revisão de conteúdo para fortalecer o aprendizado.

Turma II – Destinado aos alunos de nível intermediário.

Turma III – Destinado a alunos que estão em um nível de conhecimento um pouco mais avançado tendo passado pelas turmas anteriores.

Os relatos deste trabalho são referentes aos alunos da **Turma I**. As reuniões de planejamento das aulas de cada turma são realizadas uma vez por semana. Nesses encontros são analisadas e discutidas as propostas dos planos de aulas que são apresentados pelos professores de cada turma, incluindo seus objetivos e atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, assim como, especificando os benefícios que tais atividades trarão para o aluno.

A cada encontro é feita uma síntese de como se deu a aula passada, as dificuldades apresentadas pelos alunos, os desafios enfrentados pelos professores/monitores e as soluções pedagógicas encontradas. Tais encontros de planejamento são conduzidos pela Coordenadora do Projeto¹ e Coordenadora²

¹ Catarina Shin Lima de Souza, professora da disciplina de Música e Educação Especial da Escola de Música da UFRN e coordenadora do Projeto Esperança Viva.

Adjunta. Percebe-se com clareza que os encontros de planejamento pedagógicos fazem parte de um processo educacional de grande importância, tanto para alunos quanto para os próprios professores que percorrem um caminho de aprendizado lado a lado com os alunos.

Reforçando este pensamento concordo com Louro quando afirma que “... a inclusão de alunos com deficiência no ensino musical comum sempre exigirá estratégias alternativas, bem como um tempo de aprendizado maior que aquele dispensado aos alunos sem deficiência, além de um bom planejamento, de organização e envolvimento por parte de professores, coordenadores pedagógicos e, principalmente, pais.” (LOURO, 2012, p. 70).

3 PROCESSO DE ENSINO

As propostas pedagógicas foram elaboradas com objetivo de desenvolver a sensibilidade musical dos aprendizes e de promover a vivência e aprendizagem musical de forma significativa, uma vez que “[...] o cérebro está permanentemente preparado para apreender os estímulos significantes e aprender as lições que daí possam decorrer.” (CONSENZA; GUERRA, 2011, p. 48).

Reforçamos ainda que o ensino de música seja realmente significativo para o aluno,

[...], portanto, musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreende-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. (PENNA, 2012, p. 33).

As práticas desenvolvidas englobam o ensino e aprendizagem de flauta doce, percepção musical, musicografia Braille e criação musical. No primeiro contato com os alunos realizamos atividades que envolvam o “*sentir*”, o “*ouvir*”, o “*reproduzir*” e o “*criar*”, conduzindo-os à autonomia da aprendizagem musical, de acordo com seus níveis de percepção.

² Elizabeth Sachi Kanzaki, bibliotecária da Biblioteca Luiz Padre Diniz da Escola de Música da UFRN e coordenadora adjunta do Projeto Esperança Viva e do Setor de Musicografia Braille e apoio à Inclusão (SEMBRAIN).

Dentre as atividades que envolvem o “sentir”, propomos aos alunos “*Andar pelo espaço*”, atividade sugerida por Louro (2012, p. 278), que solicita “... aos participantes que caminhem aleatoriamente pelo recinto. Com esta ação já é possível estimular várias questões relativas ao “corpo no espaço”. A atividade é realizada com uma música ao fundo, selecionada anteriormente. Damos preferência às músicas dançantes para que cada aluno possa, percebendo o ritmo, pôr o seu corpo em movimento, sentindo a pulsação e improvisando células rítmicas com palmas e/ou com um instrumento de percussão disponibilizado.

Os alunos que apresentam deficiência visual³ está inserido na faixa etária entre 20 e 60 anos. Alguns deles possuem a deficiência visual congênita e outros, adquirida, o que implica na necessidade de, no processo de aprendizagem musical, incentivar o estudo da escrita musical em Braille. A resistência à escrita Braille é bastante comum nas aulas de Musicografia Braille, uma vez que os alunos tendem a desanimarem em seus estudos por acreditar que não irá dominar a leitura e até mesmo por já terem enxergado e utilizado a escrita convencional em tinta, tornando limitado o seu crescimento musical.

18

Segundo Alonso (2012, p. 257) “é preciso também saber se a perda ocorreu antes ou após a alfabetização, uma vez que poderá haver maior dificuldade (ou mesmo resistência) na aceitação da escrita Braille.” É importante ressaltar que os alunos poderão avançar no estudo da música independente da escrita musical em Braille (Musicografia), através de outras formas de ensino. No entanto, esta musicografia é importante para que o mesmo se torne cada vez mais independente, no tocante à escrita e leitura da música, assim como no ato de ensinar a outros, futuramente.

Quando trabalhamos com a educação inclusiva podemos considerar que estamos realizando uma importante ação educacional. Ao trabalharmos com a educação inclusiva, ou com educação de um modo geral, somos tão beneficiados quanto os alunos. Eles nos abrem portas, mostrando-nos novos caminhos e novas maneiras de ensinar e de criar estratégias de ensino. O educador frente ao aluno, especialmente a pessoa com deficiência, tem a oportunidade de repensar sua forma

³ “Deficiência visual é o termo para definir indivíduos que apresentem desde a ausência total da visão até a perda da percepção luminosa. É um espectro bastante diversificado, em termos clínicos” (ALONSO, 2012, p. 247)

de ensino e descobrir novas alternativas para sua prática pedagógica. Como disse Paulo Freire,

é preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 1996, p. 23).

4 CONCLUSÃO

Acreditamos que a educação musical é uma grande ferramenta que, se utilizada de forma adequada, no processo de aprendizagem com o educando contribui para a formação humana. Ela é capaz de “[...] ampliar o universo musical do aluno, dando-lhe acesso à maior diversidade possível de manifestações musicais, pois a música, em suas mais variadas formas, é um patrimônio cultural capaz de enriquecer a vida de cada um, ampliando a sua experiência expressiva e significativa”. (PENNA, 2012, p. 25)

Mesmo ciente de que a música na educação especial nos traz uma gama de oportunidades, contribuindo de diversas formas para a inclusão e formação do sujeito, entendemos como nos afirma Oliveira (2008, p. 4) que,

a inclusão social não é só um esforço de democratização de ensino ou ampliação de oportunidades. Ela deve ser vista como um novo momento no desenvolvimento da espécie humana, uma espécie pensante, habitante de um planeta cuja natureza, mesmo sofrendo com a nossa incompetência em subsistir de forma sustentável, insiste em dar exemplos de diversidade e adaptação em toda a sua plenitude, e que vê na sua mais bem acabada realização, mecanismos de intolerância inadmissíveis.

É de extrema importância que o educador musical amplie seus conhecimentos nas diversas áreas, nas diversas formas de ensinar, conheça bem os seus alunos, além de enxergar, a cada momento, novas possibilidades de aprendizagem significativas, preparando-se para aprender continuamente e poder ensinar cada vez melhor.

Faz-se necessário, ainda, uma reflexão sobre o ato de ensinar. O professor deve respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, permitindo ao aluno

vivenciar suas próprias experiência e descobertas durante o processo, sem a interferência do professor que fará as observações necessárias no momento oportuno.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Luís Garcia. Educação musical e deficiência visual. In: LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Ed. Som, 2012. p. 247-259.

CONSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação**: como o cérebro. Porto Alegre: Artmed, 2011. 151 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Ed. Som, 2012.

OLIVEIRA, Danilo Cesar Guanais de. Uma luz no início do túnel: a Musicografia Braille na Escola de Música da UFRN. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, 17. 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABEM, 2008.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012.

SOUZA, Catarina Shin Lima de (Coord.). **Projeto Esperança Viva**. [Natal], 2016. Disponível em:
<https://sigaa.ufrn.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/91797962>. Acesso em: 04 out 2016.

21